

NA POEIRA DO CAOS, UMA CASA E DUAS VACAS (2000) DO POETA TIMORENSE JOÃO APARÍCIO

*IN THE DUST OF THE CHAOS, UMA CASA E DUAS VACAS (2000) OF THE
TIMORESE POET JOÃO APARÍCIO*

Luís Carlos Alves de MELO¹

Resumo: Esse trabalho examina como a poesia em língua portuguesa do timorense João Aparício retrata literariamente os conflitos recentes pelos quais o país passou e de que forma tais conflitos literariamente elaborados influenciaram a produção poética do autor, sobretudo em *Uma casa e duas vacas* (2000). Aparício, embora pouco conhecido nos nossos meios literários, é um dos grandes representantes da literatura de reconto dos conflitos nacionais. O narrar de um conflito é antes de mais nada, e sobretudo, resgatar e reviver as memórias de um passado sombrio pelo qual o Timor-Leste passou. Nesse sentido, os conflitos descritos literariamente por Aparício são significantes para se entender a dinâmica de produção de uma literatura de resistência, assim como para evidenciar o reconto da história das guerras, golpes e abalos nacionais, e, no limite, negociar e forjar uma identidade nacional e ressignificar o sentido da própria nação.

Palavras-chave: Literatura de Timor-Leste. João Aparício. Poesia. Conflito. Resistência.

Abstract: This paper examines how the poetry in Portuguese-language of the Timorese poet João Aparício portrays literarily the recent conflicts over which the country has undergone and how such literarily elaborated conflicts influenced the author's poetical production, especially in *Uma casa e duas vacas* (2000). Aparício, although unknown in our literary media, is a great representatives voices of the literature of national conflicts. The narrative of a conflict is first and foremost to rescue and revive the memories of the dark past Timor-Leste has gone through. In this sense, the depicted conflicts described literarily by Aparício are significant in order to understand the dynamics of production of a resistance literature, as well as to evidence the retelling of history of wars, coups and national shocks, and, in its limit, negotiate and forge a national identity and re-signify the meaning of the nation.

Key-words: Timor-Leste literature. João Aparício. Poetry. Conflict. Resistance

Poeira do caos, o conflito: palavras introdutórias

¹ Mestre e doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

No contexto literário timorense, a influência da questão do conflito bélico pode ser experimentada, embora não sentida, no traçado poético de João Aparício, sobretudo na obra-tema que nos conduz “*Uma casa e duas vacas*” (2000). Nela, o poeta revela as atrocidades sofridas pelo povo timorense durante anos de luta pela independência nacional que deixaram centenas de milhares de mortos, principalmente no período que vai de 1975 a 2002. Trata-se de construção poética que se deu durante o processo de consulta do povo timorense em relação à independência ou à integração definitiva do país à Indonésia, lidos durante programa de rádio “Timor, Sol Nascente”. O referendo foi realizado em 1999, oito anos após o conhecido Massacre de Santa Cruz, episódio-chacina que deixou centenas de jovens mortos, feridos e desaparecidos; e que “abriu os olhos do mundo” para o que estava acontecendo no país. Durante o referido pleito, as forças militares indonésias, através das milícias pró-integração, tentaram de todas as formas impedir que o Timor-Leste se tornasse livre, atuando inclusive com violência, chantagem e corrupção, oferecendo ao povo casas e vacas para trair a nação. Daí se forja, anedoticamente, o título que ora dá nome ao livreto-obra.

No poema *O Sonho dos Soldados* é possível vislumbrar as marcas violentas do conflito que assolou Timor por tantos anos, em versos que dão o tom e a medida em exatidão de um sujeito-poético que caminha cambaleante entre as armas, as letras e a nação-pátria, às vésperas do plebiscito que ditaria os rumos daquela nação.

Escuto o hino que cantas.
Meço a corda da tua garganta
Com um estandarte muito antigo
Eu vou até à raiz,
Ponte de todas as pautas!

Na manhã de Abril eu vi,
Através dos olhos do estandarte,
Os teus lábios ancorados
Nas ossadas de *Makam Pahlawan*,
A ritmar, interminável,
O sonho grávido dos soldados
Que sucumbiu nas ondas do mar,
E que não chegou a nascer.

(APARÍCIO, 2000 p. 18)

Embora não faça menção direta ao conflito, o poema em questão contém traços figurativos que remetem àqueles dias de pavor, dor e sangue. Desse modo, ao leitor é requerida certa atenção em relação aos detalhes anotados ao longo da obra entre os versos e rimas poéticas

compostas pelo poeta, além do entendimento de que o não dito nem sempre significa uma ausência do dizer, justamente porque os poetas possuem a capacidade de contar-nos sobre o mundo sem explicitamente dizê-lo. Em outras palavras, significa dizer que em narrativas de conflito tudo possui um porquê de ser dito; não há vírgula fora de contexto na desgraça alheia, cada qual é senhor do seu dizer. A referência feita na segunda estrofe ao mês de abril não é mera coincidência. Nessa data, especificamente em 6 de abril de 1999, o Timor-Leste começaria a arder em chamas quando as forças militares indonésias e a milícia integracionista atacaram e incendiaram a cidade de Liquiça, na costa timorense. A população assustada refugiou-se no interior da igreja local, mas lá foi covardemente violentada. Mais de uma centena de pessoas foram mortas. Os soldados aos quais o título faz referência, salvo melhor interpretação, são homens e mulheres apoiadores da independência do país que à sua maneira lutaram por liberdade e ousaram resistir contra toda selvageria a que foram expostos. Daí se tem o sonho “grávido” dos soldados, ou seja, o sonho de um Timor-Leste livre das grades do invasor, de uma nação que [gerada na luta] poderia caminhar sem medo e sem barreiras; um sonho, naquele instante, que havia sucumbido e do qual aqueles soldados feridos e mortos, deitados nos braços de *Makam Pablaman*², já não poderiam vê-lo nascer.

Aparício compõe sua poética recorrendo à memória do conflito vivenciado, resgatando as trágicas passagens registradas na história do país, transbordando sua ira, seu desassossego, sua decepção e sua preocupação com o futuro de sua pátria. Ao utilizar a literatura de reconto, o autor busca refletir sobre a guerra, sobre os conflitos do país, trazendo ao centro das reflexões o caráter nacional, elemento importante para a forja, elaboração e negociação das identidades. Trata-se, pois, de um poeta cuja poesia está totalmente envolta num cenário de angústia e dor, do qual este não consegue – e nem intenciona – se desvencilhar dos mesmos, seja por sua participação *in loco* no conflito através do manejo das armas, seja por seu manejo das letras, através da poesia, para convocar a todos os seus pares a resistir, mesmo que resistência signifique “sucumbir nas ondas do mar”. Não há, no cenário da luta, como o poeta fugir do enfrentamento e nem da poesia passar ilesa por ele, a arte em si é transgressora por natureza e o escrever em tempos de guerra é também um ato de resistência, tal como fica claro no poema *Arte da Vida*:

Viver na guerra é uma arte,
Como um artista vive para sua pintura,
Retém, absorve

² Palavra de origem indonésia que significa cemitério do herói.

Discerne a cor das coisas
 Para além do não dito:
 Símbolo, poder, magia,
 Ser e corpo de palavras obscuras.

Navegando no invisível,
 O artista desembarca depois no cais do palpável
 Para revelar na tela
 O semáforo de arco-íris
 Do murmúrio de engodo e ladrão,
 A forma essencial do efémero.

(APARÍCIO, 2000 p. 31)

Em meio ao caos que se faz presente na história de Timor-Leste, João Aparício, embora não só ele, surge como o poeta do recontar do conflito, aquele que revivendo a dor daqueles dias difíceis toma para si a inevitável e difícil tarefa de narrar literariamente, por rimas e versos, todo desassossego que paira no seu chão-pátria. Ele assume o ingrato papel de mensageiro da desgraça nacional do seu chão-pátria, ao mesmo tempo em que utiliza seu manejo poético como força-motriz para resistir. Em outras palavras, para além das questões estético-literárias, sua obra é um manifesto de resistência permanente no tempo.

João Aparício: *mensajeiru ida Tímor*

A literatura de Timor-Leste em língua portuguesa congrega uma série de temáticas que orbitam entre a situação política do país e a afirmação das identidades, destacando-se as lutas políticas travadas no cerne da guerra colonial, o debate acerca do caráter nacional e o diálogo em torno da alteridade (BUENO et al. 2012; CAMPATO Jr, 2016). Embora pouco difundida, essa literatura conta com representantes de alto gabarito que atuam não só na seara literária, mas que ocupam lugar de destaque entre os setores governativos e políticos. Dentre eles encontramos o nome de João Maria Aparício Guterres, ou simplesmente João Aparício. Figura pouco conhecida nos nossos meios acadêmicos, um meio que ainda se encontra umbilicalmente preso aos cânones, deixando de lado aquilo que não lhe parece “fácil” de se trabalhar, o poeta é como tantos outros de sua terra um sobrevivente dos tempos da guerra e do terror; um navegador das águas turvas de uma literatura silenciada, marginalizada e de estudos escassos.

Nascido em Díli, capital de Timor, em 1968, o poeta é um profundo conhecedor dos problemas vividos por seu país, tendo sua infância marcada pela experiência da colonização

portuguesa e, posteriormente, pela invasão indonésia em sua tentativa de anexação do território aos seus domínios. Já na sua mocidade vivenciou os intensos conflitos que precederam a tão sonhada liberdade de sua nação, viu de perto dor e morte, guardou na memória todo choro que não pode ser chorado, viu a casa e as vacas³ daquela história oculta que por muitos anos ficou guardada nas estantes da história. Conforme consta de sua biografia, entre os anos de 2007 e 2013 foi designado para desempenhar a função de adido⁴ da Educação na Embaixada do Timor-Leste em Lisboa (CAMPATO Jr., 2016 p. 389), além de atuar como Encarregado de Negócios do país em Portugal.

Posteriormente, possivelmente entre 2013 e 2017, não saberia precisar exatamente, ocupou o cargo de assessor para Relações Públicas e Comunicação da presidência da República, à época conduzida pelo então presidente da república, 5º do Timor-Leste, Taur Matan Ruak, nome de guerra de José Maria de Vasconcelos, antigo líder militar das Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste (FALINTIL). Com o término do mandato de presidente de Ruak e sua eleição para o cargo de primeiro-ministro do Timor, João Aparício, devido ao trabalho desempenhado anteriormente, passou a ocupar o cargo de Assessor Pessoal do primeiro-ministro, atuando em alguns momentos na chefia interina de gabinete⁵.

Das obras

A primeira aparição de João Aparício na literatura timorense se deu oficialmente em 1995 com a publicação de *Versos do Oprimido*, obra da qual se valeu do pseudônimo de Kay Shaly Rakmabeau para fazer circular seu trabalho. A versão em questão foi editada pela Real Associação de Braga e conta com a introdução Xanana Gusmão e prefácio de Manuel Alegre. Digo oficial porque segundo consta das pesquisas que realizei ao longo do trabalho realizado com a literatura de Timor, o livro em questão teve sua primeira circulação na forma de um manuscrito não publicado nos idos dos anos 80/90. Conforme o registro feito por Zakiah Cabral, “em razão da censura repressiva e da inacessibilidade de impressão, poemas como estes puderam somente

³ Referência ao seu livro de poesia *Uma casa e duas vacas* (2000).

⁴ O adido é um funcionário extraquadros de um determinado órgão designado para exercer funções e atividades junto à missão diplomática de um país com vistas a estreitar os laços na área para qual foi indicado.

⁵ In sítio oficial, disponível em: < <https://www.gpm.gov.tl/pt/staff-members/joaoparicio/#.XRq7SuhKjIU> >

circular de forma clandestina⁶”. Posteriormente, a poesia clandestina foi reunida e editada em Portugal.

Na breve introdução ao livro fica evidenciado o caráter de resistência que a obra possui quando se lê o seguinte: “Como seria desejável que estas poesias fossem lidas, reflectidas e compreendidas por todos os Timores e por todos os homens de boa vontade que lutam a favor dos direitos humanos violados em Timor-Leste” (CABRAL, 1994 p. 34). Além disso, a partir de uma leitura mais ampliada tanto da obra quanto do conflito é possível se observar nas entrelinhas poéticas uma busca pela reafirmação de sua identidade e a evidenciação dos traumas causados diante da torturante e brutal ocupação indonésia (DUMAS, 2000 p. 23), como demonstra o poema “As mães e donzelas do universo⁷”:

Mães e donzelas do universo,
 quero comunicar-vos por verso,
 o suplício mais obscuro e mais atroz,
 que os sanguinolentos Indonésios
 desencadearam contra minha mãe
 e minha irmã Timor.
 Despiram-te à vista da multidão!
 Ali, de modo infame,
 foste violada.
 E com fogo de “gudang garam”,
 queimando tuas “carnes sagradas”:
 a mama e o órgão sexual,
 mormente o clítoris e vagina
 cruelmente incendiados,
 tornando-os “cozidos” e desfeitos!...
 Depois, agarrando na baioneta,
 transpassam-te a vagina, logo escorrendo sangue;
 cortam-te as tetas e o clítoris “cozido”,
 metendo-os, à força, em tua boca inocente,
 obrigando-te a comer tua própria carne!
 Torturaram assim minha mãe
 e minha irmã Timor...
 Acto feito,
 doidamente, a soldadesca grita:
 “Rasain kamu, kamu, yang ingin memilih kemerdekaan!”
 (Aprende de vez, tu, que queres
 votar pela independência).
 Oh! Se ao menos as mães e donzelas
 do mundo inteiro sentissem tua dor,
 ouvissem teus gritos,
 ó minha mãe,

⁶ In Periódico Lucero, da Universidade de Berkley, Califórnia. No original: “Due to repressive censorship and the inaccessibility of print, poems like these can only be circulated clandestinely”. (CABRAL, 1994 p. 34).

⁷ Ver CABRAL, 1994; DUMAS, 2000.

minha irmã Timor!...

Posteriormente, no ano de 1999, surge “*À Janela de Timor*”, obra editada pela editora Caminho, com prefácio de Sophia de Mello Breyner Andresen. Trata-se de obra que não só reafirma o sentimento de resistência do poeta como também apresenta um grito sufocado de denúncia das atrocidades que estão a ocorrer em Timor. Há uma busca constante pela reação frente aos desmandos cometidos em seu chão, um sentimento irrefreável dum querer libertário. O tom lírico se mistura ao inconformismo; as rimas que cantam são as mesmas que denunciam, como fica claro no sintético poema “Aldeia das crianças”(APARÍCIO, 1999 p. 22⁸)

Oiço as vozes das crianças.
Ao anoitecer,
Os soldados passam pela aldeia;
Depois vem o dia,
E não as oiço.
Nunca mais

Um ano depois, vem à lume *Uma Casa e Duas Vacas*, obra igualmente editada pela Caminho, no ano de 2000. Guiada pelo espírito de resistência, a obra transita pelo mesmo sentimento que sempre acompanhou o autor: a denúncia da dominação violenta em seu país e a busca incessante pela liberdade (CAMPATO Jr, 2016 p. 389). Mas há mais. Há uma história que precisa ser contada sobre casas e vacas, algo para o qual, diante da importância temática para esta investigação, reservamos uma seção para detalhá-la. Seguidamente, apareceu *A Neta do Almirante*, editada pela Lidel, em 2014; um compilado de poemas onde o autor fala de amor e liberdade, num constante paradoxo existencial. O livro reúne cerca de 17 poemas que são direcionados para a personagem ficcional Anastácia, a neta do almirante. Os trabalhos mais recentes do autor são dois volumes editados pela Porto intitulados “A Presidência de Proximidade de Taur Matan Ruak – Volume I (2016) e Volume II (2017).

Apresentadas as obras, falemos de casas e vacas...

No meio do caminho tinha “*Uma casa e duas Vacas*”

⁸ In GONZALEZ, S. M. Ser habitada por Timor. Revista Crioula (USP), v. 17, p. 1-18, 2016. Disponível em:< <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/111673>>. Acesso em 15/02/2019.

Das obras que lidam com a questão dos conflitos pelos quais o Timor-Leste passou, o anedótico *Uma casa e duas vacas* (2000) parece-me representar na contemporaneidade um inusitado manifesto em forma de poesia que busca apontar entre rimas e versos os desatinos praticados contra a pátria-mãe Timor, fazendo eco junto aos prestigiosos trabalhos de figuras de destaque como Fernando Sylvan, Luís da Costa, João Barreto, Borja da Costa, Luís Cardoso, Xanana Gusmão, Rui Cinatti e tantas outras importantes figuras da resistência pelas armas e pelas letras. É a poesia talhada no levantar da poeira do chão dos dias de amarga tristeza e dor, escritas com as lágrimas da agonia e a esperança de dias de glória. São os versos de um Timor que se quer livre e que livre há de ser pelas mãos da resistência de seu povo.

Do prelúdio poético experimentado em *Versos do Oprimido* aos relatos memorialísticos registrados em “*Uma casa e duas vacas*” (2000), João Aparício nos revela as vis atrocidades desencadeadas no contexto da clausura colonial em Timor, sobretudo aos dias de agonia do povo durante anos de conflitos que deixaram centenas de milhares de mortos, um genocídio que se prolongou de 1975 a 2002. O pano de fundo de sua construção poética se deu durante o processo de consulta ao povo timorense em relação a independência ou a integração definitiva do país à Indonésia, lidos durante transmissão radiofônica. O referendo que foi realizado em 1999, cerca de oito anos após o conhecido Massacre de Santa Cruz, chacina que deixou centenas de jovens mortos, feridos e desaparecidos, episódio que escancarou mundo afora toda vileza empreendida contra os timorenses, serviu como divisor de águas e fio de esperança para um povo resiliente e fiel aos seus objetivos. Já não era mais possível ignorar o que ocorria nas fronteiras do país, de modo que o mundo não poderia observar silente a guerra que ali se travava. Com atraso, o mundo verteu um olhar piedoso ao Timor, um olhar míope que em tempo poderia ter amenizado as chagas purulentas que feriram de morte aquelas gentes.

O título é fruto de uma narração anedótica de um telespectador que contou ter sido persuadido por militares indonésios a voltar em favor da integração do Timor-Leste à Indonésia, tendo como paga uma casa e duas vacas⁹. Esse é o mote que vai delineando os contornos de sua crítica e de seu inconformismo com a situação de sua pátria. Não à toa questões como traição, fidelidade e honra são elementos recorrentes durante toda a construção deste livro. Aparício compõe sua poética recorrendo à memória, resgatando as trágicas passagens registradas na história do país, transbordando sua ira, seu desassossego, sua decepção e sua preocupação com o futuro de sua pátria. Ao utilizar a literatura para recontar, o autor busca refletir sobre a guerra,

⁹ APARÍCIO, 2000 p. 7.

sobre os conflitos do país e trazer ao centro das reflexões o caráter nacional, elementos importantes para a forja, elaboração e negociação das identidades.

O livreto de 42 páginas, em tons pastel-acinzentados, editado pela Caminho da Poesia, com tiragem de apenas 600 exemplares, não é daquelas obras que nos encham os olhos pela garbosidade de suas ilustrações, mas é o retrato da falta de recursos editoriais e da tristeza que está a ser contada em cada novo poema de seu interior. Não se deve julgar um livro pela capa antes de se conhecer seu conteúdo; há capas que contam mais histórias do que nossos olhos canônico-ocidentais podem imaginar. Assim o é *Uma casa e duas vacas*. Com 16 poemas divididos por entre as páginas do livro, escritos entre 6 de maio e 5 de junho de 1999 no Parque das Nações em Portugal¹⁰, a obra conta ainda com uma seção de agradecimentos, notas explicativas acerca de alguns acontecimentos importantes e um glossário que ajuda ao leitor a compreender alguns termos em tétum utilizados pelo autor ao longo de sua escrita. Nunca é demasiado lembrar que em países colonizados em que há a incidência de um pluralismo linguístico, os poetas se veem diante do dilema de escrever em sua língua ancestral e sua língua colonial, o que culmina numa escrita poética bilíngue cujas repercussões se estendem por toda a contemporaneidade (CAMPATO Jr., 2016).

A obra se insere no que se convencionou chamar de literatura diaspórica, ou seja, a literatura produzida por timorenses que vivem fora do país, mas também integra a categoria das chamadas literaturas engajadas, a saber aquelas produzidas por autores que descrevem a história das lutas de seu país através das armas e das letras, ou seja, os poetas que escrevem são os mesmos que ajudaram a construir a história através da luta armada. (BARBOSA, 2013; CAMPATO Jr., 2016). Nesse quadro sistemático, embora opte pelo rechaço de um categorismo cartesiano que busca um forçoso enquadramento ocidentalizado das literaturas de África e Ásia, entendo ser pertinente situá-los através de seu próprio movimento dentro da literatura e da história, ou seja, dentro do espectro da resistência. Assim, sem embargo do reconhecimento dos profundos e importantes aportes teóricos já produzidos no campo dessa matéria, a opção que me parece mais adequada é a de literatura na/da resistência.

De todo modo, como assevera Campato Jr (2016):

É viável ler *Uma casa e duas vacas* como dilatado poema do modo narrativo constituído de carias pequenas peças que, por sua vez, também, podem ser examinadas isoladamente, cada uma tendo o próprio título. É um exemplo,

¹⁰ APARÍCIO, 2000 p. 41

semelhante a muitos que temos visto, de como o discurso literário e o discurso histórico irmanam-se, eventualmente, para a ponderação sobre a identificação de uma nação, para recuperar a sua história e exercitar-lhe a memória¹¹.

À guisa de exemplificar o percurso temático que se desdobra por toda a composição poética de João Aparício, selecionei o poema “A casa e as vacas” (2000 p. 12-13), que traz à tona a reflexão sobre aspectos significantes acerca da identidade timorense e a tentativa de corrompê-la. Do poema, que em parte dá nome ao livro, extraímos a casa ou *úma* como objeto simbólico em Timor Leste: a casa, objeto concreto, enquanto moeda de troca e corrupção, e, a casa, como fórmula abstrata de conspurcação das identidades nacionais. Esses dois signos estão umbilicalmente interligados uma vez que é justamente a utilização da casa para corromper que desencadeia o processo de conspurcação da identidade nacional. Isso porque a casa timorense é um objeto sagrado e em última instância carrega em si todo o simbolismo da nação, ancestralidade e das identidades dos timorenses.

Acerca dessas considerações, as duas primeiras estrofes ilustram com riqueza de detalhes esse processo de corrupção das identidades nacionais e conspurcação da *úma lulic*. Note-se, nas primeiras linhas do poema há um claro apontamento à venda da alma em troca de uma casa e duas vacas, senão vejamos:

Tu, que eras da casa sagrada,
Vendeste tua alma ao monstro,
À troca de casa e vacas.

Só por isso
Voltaste as costas à nossa casa,
Correndo atrás de outra
Que se nutre de mortes humanas e
Despejando bostas na morada de Deus?

.....
Porventura a alma é vendível?¹²
.....

É importante lembrar a razão pela qual o poeta utiliza essa construção metafórica da casa e das vacas para ilustrar o processo de corrupção da alma. Como já mencionei, durante o processo decisório de consulta popular realizado em 1999, por meio de um plebiscito no Timor Leste, no qual seria decidido se o país se tornaria independente da Indonésia, as forças militares e

¹¹ CAMPATO Jr., 2016 p. 390 – o grifo é meu.

¹² APARÍCIO, 2000 p. 12

os chefes das milícias pró-integração ofereciam como recompensa uma casa e duas vacas para aqueles que traissem seus pares e votassem a favor da integração do país. É por essa razão que ao iniciar o poema o autor relata a corrupção da identidade individual nacional em relação à coletiva do sujeito que vendeu sua própria alma e traiu seus compatriotas em troca do prêmio oferecido.

A casa, nesse sentido, assume em primeira instância o papel de objeto concreto e físico, uma moeda de troca, como forma de corromper aqueles que violassem a *úma lúlic*, aqui considera-se casa sagrada como sinônimo de Timor-Leste, em prol da integração ao país violador de toda uma ancestralidade milenar. Em segunda instância, a casa é também elemento de violação e corrupção identitária já que o indivíduo traidor abdica de sua identidade nacional coletiva para se beneficiar de uma promessa que mesmo não tendo a segurança de seu cumprimento o leva a agir contra si, seu povo e, conseqüentemente, seu chão-pátria.

O questionamento feito por Aparício ao longo do poema mostra toda a decepção com esse indivíduo que se sujeita a trair sua nação em prol de seu benefício próprio. O poeta dá a entender, inclusive, o prazer provisório que tal recompensa pode trazer para a vida desse sujeito corrompido ou que se pretende deixar corromper. Tal como o ópio, a casa e as vacas são uma cortina de fumaça para o aprisionamento de uma nação que quer se fazer livre e que espera que seus moradores lhe abram as portas e janelas para a liberdade.

É isso a casa que vais habitar?
São essas as vacas que esperas?
Que homem és?
Ou que herói vamos nos proclamar?

Quando a promessa
Vácuca e fatal, tiver chegado,
Prepara-te para chorar tua desgraça.

.....
Como essa promessa é o ópio!
.....
.....

Olha! A casa é morta, roxa e fria,
Lá vêm as duas vacas,
Estrangeiras entre os rouxinóis,
Magras e sem leite¹³.

Ao final do poema, o poeta demonstra toda a podridão envolvida em objetos de corrupção ao se referir a casa como “morta”, “fria” e “roxa”. Tal como um cadáver, essa casa objeto de

¹³ APARÍCIO, 2000 p. 13

corrupção e de conspiração das identidades nacionais não tem chances de trazer prosperidade alguma para aquele que lhe pertença, pois, sendo objeto de ganância, enganação e corrupção, ela será sempre uma mancha irremovível e que dificilmente lhe trará frutos futuros. A própria referência às vacas “estrangeiras entre os rouxinóis, magras e sem leite”, é simbólica para representar toda a enganação que há por trás dessa oferta espúria e imoral que não prosperou diante de um povo que à revelia, pelo sangue e pela dor, decidiu ser livre.

Palavras finais

A literatura produzida por João Aparício a partir da sua narração do conflito é o que podemos chamar de poesia engajada de resistência, algo predominante nos contextos literários dos países que por anos carregaram e carregam em si as marcas da colonização. Se nos perguntarmos o porquê dessas literaturas apresentarem um caráter predominantemente engajado, logo nos remetemos a uma resposta sem pausas: “quem fala, fala de algum lugar” e quando logra êxito em conquistar o espaço da fala, que muitas vezes lhe é negado, expõe as entranhas de sua memória, as feridas de sua alma. Mas que lugar é esse de qual esse sujeito fala? Uma posição geográfica? Não necessariamente, mas também. Trata-se do lugar da enunciação, das experiências vividas na própria carne, do lugar da memória ancestral, das tradições orais, do chão da luta. Refiro-me, sobretudo, ao espaço social onde o subalterno pode se libertar de suas amarras coloniais e gritar a fala entalada na garganta, de onde ele deixa de ser invisível e traz as margens para o centro do debate acadêmico.

Dessa forma, se considerarmos a literatura com base em sua natureza e funcionalidade, nos estritos moldes da lógica derridariana, para quem a literatura “não tem nenhuma essência e nenhum sentido previamente estabelecidos” (DERRIDA, 2014 p. 14), chegaremos à conclusão de que a literatura produzida por Aparício se amolda aos contextos nos quais é evocada, nutrindo-se da história e experiências vividas, transformando-se num canal de aproximação entre leitor-autor, seja a partir do reconhecimento do traçado mnemônico como retrovisor de suas angústias passadas, seja como *modus operandi* dialógico da negociação identitária nacional. A literatura, nesse sentido, não possui uma função para si, mas adquire-a para um determinado fim em si mesma que não se confunde com a finalidade estética (a arte pela arte).

Em outros termos, a literatura de Timor-Leste, devido seu caráter engajado militante, não apenas atua no sentido de um metamorfoseamento da literatura agregando-lhes uma função

utilitarista, mas revela uma aproximação da literatura com sua própria formação e com a sociogênese do Estado-nação timorense. De uma forma simplificada, ao se tornar útil a um fim, a literatura não só serve aos objetivos para os quais está sendo direcionada, como também assume uma postura questionadora da própria ordem social da qual faz parte. Logo, quando tomada de um sentido engajado-militante, a literatura serve como elo inescapável da construção e negociação identitária nacional (CAMPATO JR., 2017), mas também como verdadeiro manifesto de resistência nacional.

Não é por outra razão que ao se analisar as composições poéticas e demais narrativas literárias timorenses é preciso certa cautela e sensibilidade para entender o que há por trás dessas narrativas. Ao trazer para a cena literária os abalos e conflitos vividos em suas nações, os poetas timorenses estão quase sempre a nos convidar ao percurso dos caminhos da dor da guerra, do chão poeirento do desespero, do desassossego de dias de morte, numa aproximação da narrativa literária com a narrativa histórica. Além disso, não podemos nos esquecer que em países onde a produção científica ainda é incipiente, as obras literárias ocupam papel de destaque no reconto histórico dos principais acontecimentos nacionais. Não se trata, no entanto, de uma substituição da história pela literatura, mas de uma aproximação entre ambas, dado que ambas transitam pelo campo da imaginação.

Se nos perguntarmos como isso se processa em literaturas como a de Timor-Leste, de partida, sem grandes ardeios, diria que ela funciona como o receptáculo simbólico da história cultural e identitária do seu povo. Trata-se de uma nação onde literatura e história são faces de uma mesma moeda, haja vista que ambas se entrelaçam para reconfigurar as memórias do país. A história é responsável pelo que lá se produz e, portanto, sua literatura é um dos maiores registros históricos dos quais dispõe. A literatura é um dos meios pelos quais poetas podem contar a história de sua nação, ficionalizá-la ou não, e reconta-la por meios dos cânticos, lendas e versos. A história possui um compromisso com a verdade das coisas; a literatura possui compromisso com sua própria verdade. Ela permite um falseamento da história, ao mesmo tempo em que permite sua transformação. Não há como se distanciar disso porque mais cedo ou mais tarde esse encontro é inevitável.

Literatura e história não se constroem ao vento, não surgem do nada, não brotam do chão; são, antes de mais nada, registros guardados em algum lugar da memória daqueles que assumem a tarefa do contar. São lembranças ou fragmentos de lembranças, memórias de um povo, registros de uma nação, mas é também a arte em favor da resistência. Uma arte que nos

entremeios de casas e vacas encontrou um espaço para se engajar e se tornar um manifesto poético de libertação nacional através do riscado poético de João Aparício.

Referências

APARÍCIO, João. *Uma casa e duas vacas*. Lisboa: Caminho, 2000.

APARÍCIO, João. *À janela de Timor*. Lisboa: Caminho da Poesia, 1999.

BARBOSA, Damares. *Roteiro da Literatura de Timor-Leste em Língua Portuguesa*. Universidade de São Paulo (USP). Tese – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo, 2013. 153f.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CABRAL, Zakiah. *East Timor: Language and gender in the articulations and representations of the nationalist struggle*. Periodical Lucero, Universidade Berkley, 1994. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/7v94t8jc>>. Acesso em 18/08/2019.

CAMPATO Jr. João Adalberto. *Manual de Literaturas de Língua Portuguesa: Portugal, Brasil, África Lusófona e Timor-Leste*. 1. ed. Curitiba/ Rio de Janeiro: CRV, 2016.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DUMAS, Catherine. *Bref aperçu de la poésie timoraise*. Latitudes, 2000. Disponível em: <http://www.revues-plurielles.org/uploads/pdf/17_8_5.pdf>. Acesso em 18/08/2019.

DURAND, Frédéric. *História do Timor-Leste: da pré-história à actualidade*. Lisboa: Lidel, 2012.

GARMES, Helder (org.). *Oriente, engenho e arte: imprensa e literaturas de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor-Leste*. São Paulo: Alameda, 2004.

GONZALEZ, S. M. *Ser habitada por Timor*. Revista Crioula (USP), v. 17, p. 1-18, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/111673>>. Acesso em 15/08/2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

MARCOS, Artur. *Timor Timorense: com suas línguas, literaturas, lusofonia*. Lisboa: Colibri, 1995.

Recebido em: 31/8/2019

Aprovado em: 30/9/2019